

Objetivo: Relacionar variáveis sócio-econômicas e de estilo de vida com a Circunferência Abdominal (CA) e Índice de Massa Corporal (IMC) em uma amostra de mulheres residentes em Porto Alegre, RS. Metodologia: Foram incluídas mulheres cadastradas no programa de Saúde da Mama, Núcleo Mama Porto Alegre. As participantes foram selecionadas aleatoriamente. Foram avaliadas classe econômica, renda familiar e escolaridade por meio do questionário Critério Padrão de Classificação Econômica Brasil/2008. Ainda, foram aferidas a CA, peso e altura. Foi utilizado o Teste t-Student e ANOVA para variáveis quantitativas e o teste qui-quadrado para as categóricas. Utilizou-se intervalo de confiança de 95% e nível de significância $\alpha = 0,05$. Resultados: Foram analisadas 334 mulheres com média de idade de 52,1 anos. Verificou-se que 75,7% apresentaram menos de 8 anos de estudo. Foi observado que 58,1% tinham renda entre 1 e 3 salários mínimos e 23,1% renda inferior a um salário mínimo. Em relação às medidas antropométricas, o IMC médio foi de 28,8kg/m². A proporção de investigadas classificadas “em risco” para a CA (68,9%) foi significativamente superior em relação as classificadas como “normal” ($p < 0,001$). A classe social C foi prevalente (52,7%), em relação às demais (A,B,D,E). Associando-se a renda, o IMC e a CA, foi detectada correlação significativa negativa de grau fraco ($p = 0,035$), indicando que quanto maior a renda menor o IMC. Na comparação do IMC com poder aquisitivo, foi detectada diferença significativa ($p < 0,05$), indicando que as classes de menor renda apresentaram IMC mais elevados. Em relação a CA, o elevado poder aquisitivo foi um fator contribuinte para menor CA. Além disso, a prevalência de obesidade abdominal se mostrou maior nos grupos de baixa escolaridade. Conclusão: Conclui-se que, a baixa escolaridade e o baixo poder aquisitivo são potenciais preditores para o IMC elevado e para o desenvolvimento da obesidade abdominal.